

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA<sup>1</sup>

Marcia Andreia Pizolotto Camini<sup>2</sup>  
Leila Maria Araujo Santos<sup>3</sup>

## RESUMO

Na contação de histórias em sala de aula, as tecnologias ganham destaque renomado, tornando o prazer pedagógico de ler e escrever uma inovação no contexto educacional, mediando a ação dos educadores e educandos, na construção de novos saberes. Focalizando o papel do professor como mediador, de forma participativa, trabalhando com o equilibrando o presencial e o virtual e suas possibilidades, buscou-se identificar os mecanismos áudio visuais utilizados como ferramenta de trabalho, na contação de histórias em sala de aula. Utilizou-se para a produção do presente artigo uma revisão bibliográfica, com os seguintes descritores: leitura e escrita, contação de histórias, uso do. Na utilização de mecanismos áudio visuais, em sala de aula na contação de histórias identificou-se que o ainda é o mais utilizado pelos educandos na construção da leitura e da escrita.

## ABSTRACT

In the storytelling in the classroom, the renowned technologies are highlighted, making the pleasure of teaching reading and writing an innovation in the educational context, mediating the action of teachers and students in the construction of new knowledge. Focusing on the teacher's role as mediator in a participatory manner, working with Power Point balance the face and virtual and its possibilities, we sought to identify the mechanisms used as audio-visual tool, the storytelling in the classroom. Was used for the production of this article a literature review, with the following keywords: reading and writing, storytelling, use of Power Point. The research was developed during the months of March to September 2011. The use of audio visual mechanisms in the classroom in storytelling we found that the Power Point is still the most used by students to build reading and writing.

## PALAVRAS-CHAVE:

Leitura – escrita – educando - educador- recursos pedagógicos

## INTRODUÇÃO

Pretende-se aqui abordar a forma como era desenvolvido o ensino aprendizagem, mais precisamente a contação de histórias, ou seja, a literatura infantil em sala de aula. O objetivo deste artigo é oferecer aos educadores e apaixonados pelo assunto, uma visão de como desenvolver a contação de história de forma lúdica, criativa

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>3</sup> Professora Orientadora, Doutora em Informática na Educação, Universidade Federal de Santa Maria.

e que envolva o educador e o educando, fazendo com que os mesmos aprendam usando o saber e o sabor no desenvolvimento da aprendizagem.

Desde os primórdios as histórias infantis encantam crianças e adultos com suas narrações que empolgam os ouvintes. Muitas histórias contadas se multiplicaram através das magias, encantos e fantasias que as narrativas proporcionam, tanto para quem conta como para quem ouve. Nos mais diferentes e longínquos espaços, no tempo que passou as histórias, com seus personagens, continuam presentes, recontadas por alguns, para familiares, amigos, colegas de aula, filhos.

Agregando-se aos livros, surgiram o computado e a informática, e com ela as Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) e a Informática na Educação, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) que propiciam a comunicação, a interação.

O uso de recursos midiáticos na contação de histórias se multiplicam e o prazer de contar e recontar aumenta, assim facilitando o momento de escrever e elaborar os próprios contos e histórias.

E pensando nesta vivacidade que as histórias transmitem e transformam o ser, o uso das palavras de Freire (1997) para inovar as histórias infantis através ds TICs, ou seja, uma nova forma de abordar a leitura e a escrita, eles nos fala sobre necessidades dos seres humanos terem acesso aos recursos disponíveis e assim podendo dar um grande salto na educação que muito está precisando.

Pensando neste espaço de busca, de diversidade de *softwares*, ideias e trocas que enfatizam a construção e a reconstrução de conhecimentos por meio de interações, reflexões que contribuem na formação de cidadãos conscientes e participantes. Contínuos aprendizes, que tenham autonomia para encontrar, selecionar e solucionar as informações, produzindo conhecimentos, resolvendo problemas da vida, do trabalho e que acima de tudo sejam capazes de aprender ao longo da mesma. Esta integração potencializa mudanças na aprendizagem, no ensino e na sala de aula, redimensiona o ensinar aprender no seu contexto geral.

Este artigo, não possui preocupação de somente apresentar sugestões de atividades pedagógicas com a literatura infantil, mas também provocar uma reflexão quanto aos paradigmas educacionais atuais. Pretende-se buscar sugestões para uma análise consciente e tomada de decisão quanto as ações possíveis de serem planejadas, criadas e evoluirmos no processo de inserção das TICs na educação em prol da elevação do nível de aprendizagem dos alunos e realização profissional dos professores.

A contação de histórias vem a acrescentar o conteúdo e atividades que devem ser aplicadas em prol da aprendizagem com o auxílio das tecnologias e valer-se como recurso tecnológico em acréscimo na educação. Com propriedade possuir aptidão de acionar as ferramentas disponíveis para ampliar os horizontes do conhecimento. Por consequência organizar argumentos consistentes para adquirir um conhecimento significativo e ações comprometidas com o contexto social e a construção da cidadania.

## **1. AS TECNOLOGIAS E A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA**

Com o passar dos tempos surgem às tecnologias com uso inserido na educação, mas afinal o que são estas tecnologias? Porque vieram aliar-se ao processo de ensino-aprendizagem? O porquê preocupar-se tanto com estas tecnologias e de que maneira contribuem para a aprendizagem do ser humano? Não basta apenas a memorização dos conteúdos mínimos estudados em sala de aula?

Passou-se a usar apresentações coloridas e sistemas eletrônicos, tornando as aulas mais atrativas, trocando o quadro e o giz, assim mudando as tradicionais formas de aprendizagem. No entanto, resta questionar-se será que com a simples inclusão de novos recursos pedagógicos mudou a perspectiva do ensino e da aprendizagem? E de que maneira estas tecnologias vieram a acrescentar em nossa prática como professores? De que maneira usar estas tecnologias para que sejam realmente capazes de transformar nossa prática em sala de aula, não se constituindo em apenas mais um artefato para reproduzir uma prática ultrapassada de transmissão de conhecimentos?

Refletindo a respeito desta questão, Sancho (2006) coloca que com o avanço das novas tecnologias, no campo escolar, especialmente na década de 80, acreditou-se inicialmente que a sua incorporação em sala de aula traria por si só um caráter de inovação pedagógica, no entanto, conforme esta inserção foi acontecendo nas escolas, percebeu-se que a sua própria versatilidade de adaptar-se a qualquer ambiente a tornava também adaptável a qualquer perspectiva de ensino e de aprendizagem. Assim, constatou-se “que o avanço tecnológico que imaginava não significava de imediato o avanço e a melhoria da educação” (SANCHO, 2006, p. 15).

Nesta direção, preocupa-se em discutir e analisar o modo pelo qual deve-se utilizar estas tecnologias e promover um verdadeiro repensar dos espaços educativos, especialmente da sala de aula.

Segundo Vygostsky (1989), a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber, do conhecimento. Todo e qualquer processo de aprendizagem é ensino-aprendizagem, incluindo aquele que aprende o que ensina e a relação entre eles. Ele explica esta conexão entre desenvolvimento e aprendizagem através da zona de desenvolvimento proximal (distância entre os níveis de desenvolvimento potencial e nível de desenvolvimento real), um “espaço dinâmico” entre os problemas que uma criança pode resolver sozinha (nível de desenvolvimento real) e os que deverá resolver com a ajuda de outro sujeito mais capaz no momento, para em seguida, chegar a dominá-los por si mesma (nível de desenvolvimento potencial).

Já Richter (2000), afirma que as crianças precisam correr riscos e desafios para serem bem sucedidas em seu processo de ensino-aprendizagem, produzindo e interpretando a linguagem que está além das certezas que já tem sobre a língua.

E Piaget (1982), desde 1970, enfatizava que a cooperação é peça fundamental no desenvolvimento humano. Vygostsky (1988) também falava sobre o fato da aprendizagem despertar processos internos de desenvolvimento na interação com outras pessoas. Estes escritos aliados à nova realidade tecnológica descortinam possibilidades antes não imaginadas, como a aprendizagem colaborativa estimulada por ambientes computacionais. E nesta troca de conhecimentos e experiências surge a educação à distância, alunos e professores trocam informações, conhecimentos através de *e-mails*, fóruns de discussão, além da buscas de dados nos *sites* da internet, isso tudo em tempo real, mesmo estando separados espacial e/ou temporalmente, ou seja, não estão normalmente juntos, fisicamente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias. Os educadores apresentando suas ideias, trocando informações, discutindo, vivendo em diferentes lugares, com diferentes culturas, valores, crenças, costumes.

Rosado (1997) vem para reafirmar que a entrada das tecnologias busca exclusivamente melhorar as condições de ensino em sala de aula, estimulando, chamando a atenção, mobilizando o aluno na aprendizagem de novos conhecimentos, informações adquirindo estes de forma significativa que venha de encontro aos seus interesses.

Como se o produto levado e o uso que o professor oferece ao aluno, não implicasse em nada nos processos de ensino aprendizagem. Os recursos são capazes de tornar as aulas mais interessantes, vivas, e além do mais vinculadas com a nova realidade de estudo, obtendo os conhecimentos produzidos com mais precisão. Assim,

estas tecnologias deverão ser exploradas com esse intuito, sendo utilizadas para incentivar a formação permanente, a aprendizagem por si só. Outro autor que colabora com a mesma ideia é Vygotsky (1989) que menciona os instrumentos técnicos dos sistemas de signos que mediam a relação do homem com o mundo e que através dessas ferramentas os processos de funcionamentos psicológicos são fornecidos pela cultura. Sendo assim a entrada de computadores nas escolas não têm a neutralidade que professores deixam transparecer em suas expectativas. Quando bem utilizados traz significativas mudanças aos ambientes de aprendizagem.

Torna-se importante assim ir planejando e construindo, transformando uma parte das aulas no processo contínuo de pesquisa e de comunicação no qual equilibra-se o planejamento com criatividade. Planejar as aulas é, ao mesmo tempo, construí-las com processos participativos.

Assim, tendo como recurso o uso pedagógico das tecnologias o aluno assume o papel de aprendiz participante, não mero repetidor de conhecimentos. Essa aprendizagem decorre de uma troca de conhecimentos que ocorre entre aluno x professor, aluno x aluno, aluno/professor x tecnologias.

Neste contexto, o educador passa agora a desempenhar um papel um pouco diferente, continua sendo o especialista, aquele que possui os conhecimentos e experiências, mas fará o seu trabalho como um orientador, mediador de aprendizagens. Em Masetto (2000) São indicativos importantes para esta questão, ou seja, o real papel deste educador que trabalha conjuntamente com as novas tecnologias “[...] dialogar permanentemente [...]; apresentar perguntas orientadoras; orientar nas carências e dificuldades técnicas ou de conhecimento quando o aprendiz não consegue encaminhá-las sozinho; desencadear e incentivar reflexões (p. 145)”.

Neste sentido, acredita-se na grande contribuição que as tecnologias podem dar ao processo de ensino, no sentido de propor o repensar das práticas arraigadas, de que a sua exploração se constitua elemento que mobilize sobre a importância de se discutir o papel do aluno, do professor e especialmente do conhecimento frente a esta nova tecnologia, a fim de que realmente ocorra uma grande transformação nos processos de ensino e de aprendizagem.

Segundo Masetto (2000), “a mediação pedagógica significa a atitude e o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos”.

## **2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

### **2.1. A aprendizagem da Leitura e da Escrita**

Considerando o mundo globalizado e moderno, na sociedade da informação todos reaprendendo a conhecer, a comunicar- nos, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social. Perpassamos pelo mundo das tecnologias, onde o tempo, o espaço, a comunicação acontecem em questão de segundos. Espaço no qual as crianças são reconhecidas desde o nascimento como construtoras de conhecimento, ou seja, como sujeitos de sua própria aprendizagem. Levantam problemas difíceis e abstratos e tratam por si próprias de descobrir as respostas. Estão construindo objetos complexos de conhecimento. E o sistema de escrita é um deles, pois crescem em um meio "letrado" estão expostas à influência de uma série de interações. As crianças são capazes de ler e reler o mundo com seus próprios olhos, uma vez que, em sua maioria elas têm acesso a uma cultura essencialmente grafocêntrica. Desde pequenas elas estão em contato em suas casas mesmo com pessoas que contam histórias, lêem, contam causos. Mesmo aquelas crianças que vivem em comunidades carentes, elas também já participaram de rodas de conversa, ou tiveram a oportunidade de ouvir alguém contando alguma "história".

Ao ler uma história a criança desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião.

Cita-se aqui dois autores como Sisto (2001), Bacha (1975) onde discutem a importância do contar uma história.

Ao contar a história, "o prazer de ser transportado de forma benevolente e cuidadosa, ao universo das palavras que possuem corpo, das histórias que se tornam tangíveis, daquilo que nos humaniza" (SISTO, 2001, p. 32). É através deste contexto que vem desde os primórdios a importância da contação de histórias que encantam crianças e adultos com suas narrações, que empolgam os ouvintes. Muitas histórias contadas se multiplicaram através das magias, encantos e fantasias que as narrativas proporcionam, tanto para quem conta como para quem ouve. Nos mais diferentes e longínquos espaços, mesmo perpassando através dos tempos as histórias, com seus personagens, continuam presentes, recontadas por alguns, para familiares, amigos, colegas de aula, filhos. Ou o próprio momento em que os pais colocam seus filhos na

cama e sentam-se ao lado para ler ou contar uma história, onde o olhar, o prazer do momento, vai transformando-se no prazer e gosto de ler.

O incentivo a leitura, não deve vir após ordens para ler, porque a relação com a leitura é uma relação amorosa, não deve vir porque alguém mandou, deve-se ter o gosto, criar o prazer e este só acontece com muita leitura, ou seja, lendo. “A leitura, como o andar, só pode ser denominada depois de um longo processo de crescimento e aprendizado.” (BACHA, 1975, p.39)

Segundo Carneiro Abramovich (1993), a contação de histórias é o primeiro contato da criança com um texto e é onde também se inicia a possibilidade de sentir as emoções. Nesse sentido a autora relembra que:

Ah, como é importante para a formação de qualquer leitor ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] (ABRAMOVICH, 1993, p.16).

E salienta ainda que para os professores da área de Língua Portuguesa e também anos iniciais ela é o “alicerce” no trabalho pedagógico. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa afirmam que a leitura é a porta de entrada para o acesso a outras formas de conhecimento “ma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever” (BRASIL, 1997, p. 65).

Emília Ferreiro (2008), afirma que para o cidadão exercer seus direitos é preciso estar capacitado para fazer uma leitura crítica das mensagens escritas – uma leitura compreensiva que permita comparações, extraia consequências etc. E vai além quando é questionada sobre a chegada dos computadores, segundo Ferreiro (2008) as TICs estão provocando mudanças importantes em todos os setores da sociedade, mas principalmente na área da educação. Ainda a esse respeito Ferreiro (2008) afirma que através da tecnologia a cultura letrada passe a ser mais interessante para as crianças.

Retomando o sentido etimológico do ato de ler e escrever, percebemos o sentido das marcas, dos sinais que um professor um dia já imprimiu em nossa formação, ou aquilo, que como professores, indicamos ou designamos aos nossos alunos através do contato que estabelecemos na prática pedagógica escolar.

Esse processo de registro teve início de maneira prática, como pode ser observado em Rizzo (2005):

[...] com a pintura nas cavernas do período paleolítico; transformou-se na pictografia (registro de idéias por desenhos copiados da natureza com relativo

realismo); aperfeiçoou-se com a simplificação desses desenhos, transformando-os em ideogramas (sinais simplificados de desenhos, já sem a preocupação de fazê-los cópias fiéis da natureza) e resultou na criação dos fonogramas (sinais que representam os sons da língua falada), invenção essa atribuída ao povo semita, que habitava a Ásia Menor. (p.13)

Seguindo a ideia da autora a escrita que temos atualmente, o alfabeto com o qual (re) construímos graficamente nosso olhar, com o qual podemos dizer das coisas e dos outros, é resultante “de longos anos de história da escrita e decorrente de sua necessidade de registrar fatos, idéias e pensamentos” (RIZZO, 2005, p.13).

A principal motivação, de autores que pesquisam sobre o processo de construção da escrita, na perspectiva da teoria desenvolvida por Emília Ferreiro 1989, deve-se ao fato dessa abordagem focar a origem e a evolução das funções e psicogênese da escrita da criança em relação à alfabetização. Para Ferreiro (1989):

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget coloca no âmago de sua teoria. (p.24)

Desta forma, pensando em uma mudança no processo de ensino e de aprendizagem onde pode-se integrar dentro de uma visão inovadora as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais que nos reflete-se sobre a utilização destas tecnologias para a contação de histórias. Assim, passando muito rapidamente do livro para a televisão e vídeo e destes para o computador e a *Internet*, sem aprender e explorar todas as possibilidades de cada meio.

## **2.2. A Leitura e a Escrita com o Apoio das TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação**

Ao pensar uma forma de unir as mídias a contação de histórias porque não mencionar o *Power Point*. Mas o que significa *Power Point*? O *Power Point* é um editor de apresentações que oferece recursos, possibilitando a integração de objetos multimídia (som, imagem, filme, texto, gráfico) e definição de efeitos programados. Permite, portanto, a personalização dos slides de acordo com as preferências do usuário e o tipo de utilização a que se destina. Na área educacional pode ser ferramenta útil para mostras e documentação de trabalhos.

Mas porque o *Power Point*? Tem tantos outros programas que possuem maiores recursos que podem dar uma dinamicidade maior às histórias. A opção pelo

programa deve-se ao fato da facilidade em sua utilização, ou seja, os alunos podem fazer as atividades por si só, sem muito auxílio de um adulto. Sendo que, deve ficar bem claro que o programa não substitui nem o professor nem as leituras. O que ele substitui é o quadro-negro! Ele é um resumo e, bem sabemos; não se aprende em resumos. Serve para fixar na memória as grandes ideias. Para aprender, precisamos dos exemplos e dos detalhes, é preciso que ele seja o meio e não o fim.

Parafraseando Oliveira (1997), na informática educativa é importante a atitude do professor mediador durante o processo ensino e aprendizagem e este proporcionar um ambiente para que os alunos possam pensar, criar, construir e trocar informações.

Plácido et. al. (2007), afirma também que:

[...] diante desse contexto, é importante acrescentar que com a inserção das novas tecnologias nas escolas o educador, além de perceber que a perspectiva de Educação está mudando, nota que a metodologia de ensino também precisa mudar, principalmente no que se refere à leitura. Visto que, com o uso de novas ferramentas é possível trabalhar no incentivo à leitura na sala de aula, e que esta, proporcione o retorno pedagógico do qual tanto o professor quanto o aluno poderão usufruir.(p.17)

Nesse contexto, o trabalho com imagens pode ser especialmente instigante e produtivo, pelas significativas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando o “desenvolvimento nos alunos, de um crescente interesse pela realização de projetos e atividades de investigação e exploração como parte fundamental de sua aprendizagem” (BRASIL, 1998, p. 44).

O professor utilizando diferentes fontes de informação renova sua metodologia de ensino, buscando novos saberes. Desta forma, cita-se alguns autores como Belloni (2001), Freire (1999), Tardif (2002) que falam sobre os saberes docentes, o ser professor.

Segundo Belloni (2001), diante desta nova situação, o professor terá necessidade de atualização constante, tanto em sua disciplina específica, quanto às metodologias de ensino e as novas tecnologias. Neste sentido, destacamos a importância da formação continuada. Além disso, espera-se do professor do século XXI que ele seja capaz de desenvolver os conteúdos não só de forma individual, mas também coletiva e que saiba manejar os instrumentos específicos dos novos tempos.

Sabe-se que ensinar implica em criar condições para que o educando use sua inteligência para construir estratégias que lhe permitam lidar com os desafios de sua cultura e de sua existência. Neste sentido, não há mais como admitir uma educação que

se restringe ao espaço de sala de aula. É preciso explorar as novas possibilidades que as tecnologias proporcionam.

Enquanto os educadores, precisam assumir a condição de inacabados. Freire, diz que a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca.

Com estas palavras entende-se que o ser humano não é um ser acabado, pronto, formatado, mas sim, um ser inacabado, que constantemente sofre modificações. E, tendo em vista, a multiplicidade de informações que o cerca e rodeia, quer seja através da mídia televisiva, da mídia impressa, um programa de rádio ou uma simples conversa entre vizinhos, reconhece-se que a cada momento, aprende-se, modifica-se como seres inacabados que somos.

Para Tardif (2002) os profissionais devem, após seus estudos universitários iniciais, autoformar-se e atualizar-se, utilizando para isso diferentes meios, o que inclui o tecnológico. Nesse sentido, acredita-se ser fundamental compreender o papel do professor, seus pensamentos e decisões interativas, suas teorias e suas crenças, buscando identificar os tipos de intervenções que podem beneficiar o processo de construção da lecto-escrita

Propiciando oportunidades de construção e conhecimentos por parte de seus alunos, a importância do uso da tecnologia e as mudanças que ocorrem.

Bitencourt (2009) corrobora ao referir-se que a criança ao ouvir é quem preenche estas lacunas por intermédio da imaginação. O mesmo se encanta a ponto de esquecer-se temporariamente de tudo e adentrar na fantasia que por hora o convida. Assim, a nossa temática está inserida em toda essa expectativa, "As novas tecnologias e a contação de histórias em sala de aula".

O mesmo autor afirma ainda que a escola precisa se apropriar das histórias infantis com o intuito de levar a criança a resolver seus próprios conflitos, importantes para elas, mesmo quando para a escola esses problemas lhes parecerem fúteis. Levando-se em conta a importância, ao menos quantitativa, que a escola tem na vida infantil. Há que se transportar para a escola também o objeto mágico para conformá-la aos desejos da criança e torná-la mais humana. Somente a partir dessa humanização da própria escola, é que a aprendizagem se tornará prazerosa e conseqüentemente significativa.

Enquanto que Moran (2004) vem reforçar e retratar qual o papel da escola. Sendo que a primeira grande dificuldade ainda é o peso da sala de aula. Desde sempre

aprender está associado a ir a uma sala de aula e lá concentramos os esforços dos últimos séculos para o gerenciamento da relação entre ensinar e aprender. O modelo cultural e burocrático predominante nas organizações educacionais exerce também um peso avassalador na inércia frente a necessidade de inovar. Tudo é planejado ou decidido de cima para baixo. Os prédios, os currículos, a contratação de professores são feitos em função do atrelamento a salas de aula. Os professores aprenderam como alunos a relacionar-se com o modelo convencional de ensinar aprender dentro de um espaço bem específico que é a escola e dentro dela a sala de aula. Os alunos, por sua vez, estão acostumados a ficar ouvindo, em geral, passivos, o que os professores falam e esperam da universidade ou escola que lhes tragam em bandeja as informações prontas. Ambos, professores e alunos, constataam a inadequação desse modelo. Muitos intelectualmente sabem que precisam mudar. É frequente o discurso da participação, da mudança, mas, na prática, no dia a dia, muitos ainda permanecem aferrados aos modelos tradicionais, até porque não existem muitas experiências inovadoras perto de onde eles lecionam.

Já Gadotti (1983) vem discutir a dificuldade deste momento de transição, apontando uma das causas o fato de nosso país ainda operar utilizando a linguagem escrita. Para ele a cultura do papel representa o maior obstáculo diante do crescimento gradativo de uma nova cultura, a digital, que utiliza uma outra linguagem, mediada pelas TIC. A caminho de uma revolução digital, ainda nos deparamos com a educação convencional, que oferece apenas uma via ao conhecimento, a escola. Sensíveis à nova realidade educacional, tanto o gestor quanto o professor deve estar aberto às inovações, incorporando na sua prática educativa novas mídias como aponta Belloni (2001), discutindo suas possibilidades e como ela pode melhorar a prática em sua área de conhecimento.

Bitencourt (2011) interage quanto a utilização de recursos áudio-visuais para a realização de uma releitura dos contos tradicionais não pode ter como ambição a substituição do ritual da contação. A questão não está em substituir a relação contador x espectador por exibições de TV, mas sim, numa reflexão que permeie o enriquecimento das atividades em sala de aula, por exemplo, focada na construção de novos saberes, de novas vivências.

Segundo Assmann (1998, p. 19) atualmente, “o fazer pedagógico abre espaço para as sociedades aprendentes, onde a sociedade inteira entra em estado de aprendizagem transformando-se numa imensa rede de ecologias cognitivas” Piaget,

desde 1970, já enfatizava que a cooperação é peça fundamental no desenvolvimento humano. Vygotsky (1988) também falava sobre o fato da aprendizagem despertar processos internos de desenvolvimento na interação com outras pessoas. Estes escritos aliados à nova realidade tecnológica descortinam possibilidades antes não imaginadas, como a aprendizagem colaborativa estimulada por ambientes computacionais. A informática deve ser vista como um instrumento de interação com o educando, uma vez que o conhecimento não é transmitido, mas sim construído progressivamente por meio de ações que, segundo Piaget, são interiorizadas e se transformam.

### 3. METODOLOGIA

Por meio desta pesquisa, pretendeu-se conhecer a realidade da utilização do Uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) e com elas, o computador, a informática na educação e os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) através da contação de histórias, como acontece o processo da leitura e escrita em sala de aula, qual a interação e interlocução, troca de conhecimentos entre as partes em sala de aula. O trabalho foi desenvolvido na Escola de Informática Espaço Livre Informática localizada na rua do Progresso, 1740 no município de Ajuricaba. A metodologia escolhida é uma combinação de estudo de caso e pesquisas bibliográficas.

A metodologia proposta é contação de histórias com inserção do uso das tecnologias, histórias estas que partem dos interesses e sugestões dos alunos em concomitante o professor parte da participação do aluno e a aprendizagem ocorre quando há interesse e o conteúdo tem significado.

Sendo assim:

LITERATURA INFANTIL =



A decisão para o incremento da contação de histórias em sala de aula surgiu por ouvir muitas histórias na infância e acreditar que a criança ao ler uma história desenvolve: Um potencial crítico que a leva a:



A escola que admite acolher este desafio e romper com velhos paradigmas não apresentará mais sua estrutura engessada nas grades curriculares e conteúdos programáticos. O ambiente de desejo e confiança proporcionará um trabalho interdisciplinar. As atividades sugeridas neste artigo necessitam adequações segundo a realidade local e social de cada escola.

Com o intuito de instrumentalizar os colegas professores e demais leitores a aplicar atividades criativas/alternativas sugere-se a motivação para um diálogo constante e decisivo antes da elaboração coletiva e desenvolvimento do projeto de literatura infantil.

Os próximos passos serão a organização bibliográfica, o estilo de literatura que a turma se enquadra e gosta de ouvir e sucessivamente o gosto também dos educadores, juntamente com a pesquisa de campo, articulados com as disciplinas e conteúdos essenciais, o registro de idéias mais significativas, a apresentação, reflexão e contextualização, a avaliação constante do processo produtivo, a definição de conceitos adquiridos e a produção coletiva ou individual inserindo sempre as TICs.

Para que os professores sintam-se motivados e de certa forma seguros em desenvolver a prática de uso dos recursos tecnológicos é importante ter um suporte técnico. E porque não organizarem momentos de contação de histórias para os mesmos alterando grupos para desenvolverem o trabalho.

Realizou-se contação de histórias, nas mais diversas formas, com livros mais simples, com dobraduras, histórias em *Power Point*, histórias em formas de filmes e também histórias só com sons.

Este trabalho foi desenvolvido em uma Escola de Informática.



A participação dos educandos, foi de forma espontânea e com muita criatividade, participação, motivação além de entusiasmo e expectativas.

Foi feita uma análise das mídias disponíveis na escola e sugerida novos programas e o uso e aplicação dos mesmos para tornarem este momento único da literatura que irá ajudar na construção da escrita, letramento algo mágico, espontâneo que o educando sinta prazer ao pegar um livro ou ouvir uma história e aprimorar ainda mais seus conhecimentos de forma lúdica.

#### **4. DESENVOLVIMENTO**

Por ser uma apaixonada pela literatura infantil, por achar que esse recurso pedagógico nos auxilia e muito em vários aspectos da formação do indivíduo e também por nós fazer viajar, acreditar no mundo imaginário e despertar a criança que anda adormecida dentro de cada um de nós. Surgiu então o artigo apresentado sobre a contação de histórias. E quando uma história for contada, um livro aberto ou até mesmo apresentada de outra forma podemos observar que olhos brilham, mentes viajam e tudo gira em torno do imaginário.

...Um livro aberto, pessoas em rodas contando causos ou “histórias de cabeça, slides, projeções, sons, mas independente da história que ouvimos não deixamos de observar olhos brilhantes, fascinantes, que a todos encantam mentes que viajam afinal, tudo gira em torno do imaginário.

Ao chegar à turma kids e apresentar o projeto aos alunos, gostaram da ideia, ficaram curiosos, mas ao mesmo tempo receosos, por adentrar uma nova professora na sala, apresentei-me e fomos conversando, trocando ideias, surgindo uma explosão de ideias, sobre literatura infantil, os tipos de livros e histórias que gostam, como gostam de ouvir histórias, se gostam de ler ou preferem ouvir histórias, se realizam algum trabalho após a contação... E a contação começou... Organizou-se slides no *Power Point* para começar a contação usando um recurso que auxilia pedagogicamente.

Foi um trabalho fabuloso onde pode-se ver seus olhos brilhando, expressões faciais mudando a cada nova voz que surgia, espanto, alegria, sorrisos e muita empolgação (figura 01). Ao terminar a história contada com um livro *O Sapo Bocarrão* da autora Keith Faulkner da editora Companhia das Letrinhas. E logo após apresentei a história *Vítor Virtual* da autora Regina Rennó, usando como recurso o *Power Point*. Surgindo a explosão de ideias referente as duas histórias convidei-os a criarem as suas próprias histórias no *Power Point*. E o interessante é que não pediram temas e sim foram lançando suas ideias, trocando ideias com os colegas e interagindo.



Figura 01 - Imagem dos alunos assistindo a apresentação de slides – 1ª aula.

Juntamente com a apresentação dos slides contei a história:



Lá realmente a emoção tomou conta de todos e empolgou porque eles entenderam o que realmente estava querendo com o trabalho lançado e fizeram histórias fabulosas que estão postadas no *Blog A Magia no Ensinar e Aprender*<sup>4</sup> (Figura 02).

Todo o trabalho desenvolvido encontra-se em forma de filmagem, apresentação de slides em *Power Point* no *blog*.

Na segunda aula quando cheguei fui recebida com muita empolgação e pediam muito se havia trazido histórias novamente. E nesta aula contei uma história que publiquei no ano de 2008 juntamente com a turma que trabalhava no SESQUINHO Escola de Educação Infantil do Sesc localizada em Ijuí, onde desenvolvi o trabalho com a turma D, ou seja, pré escolar. Esta surgiu em uma roda de conversa no tapete, estávamos estudando sobre aranhas e super heróis e começamos a conversar e fui notando as ideias e assim a mesma tornou-se o livro *O Porquinho e a Floresta Encantada*.

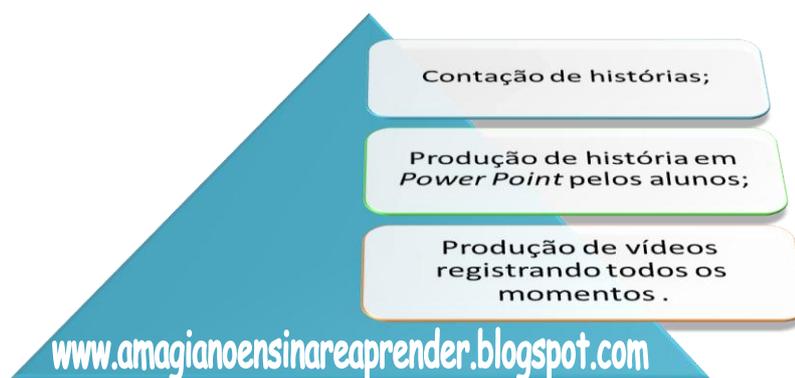


Figura 02 – Interface do Blog A Magia no Ensinar e Aprender

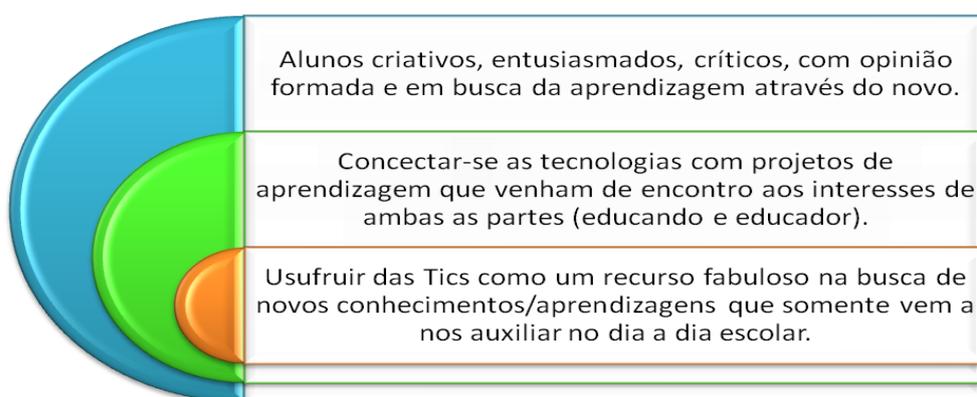
Ao terminar de contar esta história passei para eles à história em forma de filme *A Menina que Odiava Livros*. E logo após nossa conversa recomeçou e as diversas opiniões uns afirmando que gostavam mais de livros, outros de histórias no computador, mas chegando ao consenso final que ler é muito bom.

<sup>4</sup> Disponível no endereço eletrônico *Blog* [www.amagianoensinareaprender.blogspot.com](http://www.amagianoensinareaprender.blogspot.com)

O trabalho foi concretizado com:



Os resultados obtidos foram:



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo mostra resultados teóricos da pesquisa sobre a literatura infantil, como também momentos práticos que aguçam a criatividade, a ousadia e a imaginação do educador quanto dos educadores e familiares.

O objetivo não é criticar a postura e metodologia dos colegas professores, mas sim sensibilizar, provocar um debate nas escolas e comunidade escolar sobre a influência das TICs na educação e as reais possibilidades de uso das mesmas, como estão sendo usadas nas salas de aula, nos laboratórios, que sejam realmente usadas com fins pedagógicos, que façam com que o educando tenha gosto por determinado conteúdo e assimile-o de forma criativa e prazerosa.

Percebe-se que a tecnologia pode contribuir muito na educação, porém o papel do professor é muito importante para mediar este processo de modo a interagir com o aluno e assim ultrapassar o senso comum. Para que isto aconteça é fundamental que o

educador utilize-se do laboratório de informática como um espaço de descobertas, criações e acima de tudo de construção do conhecimento. É de suma importância trabalhar atrelado às outras disciplinas do conhecimento, instigando sempre no aluno o aprender a aprender a partir do planejamento das aulas de acordo com a realidade, necessidades e desenvolvimento destes.

Refletindo sobre essa experiência, nota-se que a mudança na metodologia do educador interfere diretamente na motivação e na aprendizagem dos alunos. A cada nova aula buscava conhecimentos novos, diferenciados que despertasse *o saber e o sabor* em cada educando para novas aprendizagens. Este trabalho motivou a cada um, aguçando a criatividade e a imaginação, além de ter dado um pique diferenciado na turma. E motivado-os ainda mais a ler e viajar no mundo da imaginação.

Nos relatos realizados pelos educandos, percebe-se que a forma como as aulas aconteceram integrou-os ainda mais, sendo que as famílias começaram a participar também, na observação do *Blog*, leitura das histórias dos alunos, comentários, ao encontrar os pais comentavam que haviam lido ou olhado as atualizações realizadas, bem como davam ideias para serem acrescentadas ao mesmo, sendo um importante meio de aproximar a família e de divulgar o trabalho desenvolvido. Um fato marcante foi que um aluno colocou como mensagem instantânea no *MSN* dele o endereço do *Blog* para quem pudesse acessar que valia a pena. Além de estarem curiosos para saberem qual seria a nova história do dia, se já a conheciam e sobre o que falava, que voz a professora faria... estavam empolgados e aguçados pela tecnologia que viam que podíamos unir as duas coisas e o computador também passou a ser visto de forma que poderia auxiliar na leitura de livros.

Em síntese o artigo mostra resultados teóricos da pesquisa sobre a Literatura Infantil contextualizado com os novos paradigmas da atualidade. Apresenta também exemplos práticos para serem aplicados, adaptados e refletidos no âmbito da sala de aula a partir da concepção da atualidade e perspectiva de evolução do conhecimento. O objetivo não é apenas criticar a postura e metodologia dos educadores, mas sim sensibilizar, provocar um debate nas escolas e comunidade escolar sobre a influência das TICs na educação e as reais possibilidades de uso das mesmas nos dias atuais, como também, entender o aluno que temos e que queremos formar, utilizar constantemente os recursos tecnológicos. A metodologia da contação de histórias usufruindo dos recursos tecnológicos como *o Power Point, Web Can, Internet, o sistema de som, o data show* e todos os recursos tecnológicos que nos abrem a

possibilidade de explorarmos em uma história. A principal conclusão e contribuição deste artigo é apontar as reais possibilidades de ruptura das tradicionais aulas monótonas, conteudistas, centralizadora e unilateral para aulas com uma pedagogia multifocal, atraente, criativa, contextualizada e produtora de novos caminhos, utopias.

**“Se quiser falar ao coração do homem, há que se contar uma história. Dessas que não faltam animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim, suave e docemente que se despertam consciências”.** (Jean de La Fontaine)

## 6. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3ªed. São Paulo: Scipione, 1993, 174 p. (Pensamento e ação no magistério, 7)
- ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BELLONI, M. L. **O que é mídia e educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Educação a distância**. 2ª.ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BITENCOURT, R B. **As novas tecnologias e a contação de histórias em sala de aula**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/as-novas-tecnologias-e-a-contacao-de-historias-em-sala-de-aula/13659/>> Acesso em: 29 de Set. de 2011.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**/Emilia Ferreiro: tradução Horacio Gonzalez...(et.al.) – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1986.
- GADOTTI, M. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.
- MASETTO, M. T; MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.
- MORAN, J M (Org.). **Novas Tecnologias e mediações pedagógicas**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

- \_\_\_\_\_. **Os novos espaços de atuação do educador com as novas tecnologias.** 2004. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/espacos.htm>>. Acesso em: 29 de set. de 2011.
- OLIVEIRA, R. **Informática Educativa:** Dos planos e discursos à sala de aula. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- PAIVA, M N. **Alfabetização:** A Construção da Leitura e da Escrita. Formosa-GO, Dezembro de 2006.
- PLÁCIDO, M E S, Et.al; **Educação, Cidadania e Identidade:** A Inserção dos Recursos Tecnológicos no Contexto Educacional: Desafios e Perspectivas do Professor no Mundo da Leitura; Disponível em: [http://artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_14355/artigo\\_sobre\\_recursos\\_tecnologicos\\_como\\_estrategias\\_de\\_aprendizagem\\_no\\_ensino\\_de\\_ciencias\\_e\\_biologia](http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_14355/artigo_sobre_recursos_tecnologicos_como_estrategias_de_aprendizagem_no_ensino_de_ciencias_e_biologia). Acesso em: 30 de set. de 2011.
- PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança.** 4ª . ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- RICHTER, MARCOS GUSTAVO. **Ensino do português e interatividade.** Santa Maria: Ed. UFSM, 2000.136 p.
- RIZZO, Gilda. **Alfabetização Natural.** 3ª edição- Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.
- SANCHO, J. M.; HERNANDEZ, F. (Orgs.).**Tecnologias para transformar a educação.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** Chapecó: Argos, 2001.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento:** plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.
- VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168p. (Coleção Psicologia e Pedagogia. Nova Série).
- \_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes,1988.